

A partir do mês de Março

Faculdade de Arquitectura nasce no Campo Alegre

• Siza Vieira é o autor do projecto

«A construção da Faculdade de Arquitectura e a nossa inserção na Universidade representam não só o corolário de um esforço mantido por muitos na dignificação do ensino como, também, a certeza de que no Porto se encontra uma das mais prestigiadas escolas da Europa», salientou a «O Primeiro de Janeiro» o Arq. Alexandre Alves Costa, membro da Comissão Instaladora da Faculdade de Arquitectura do Porto.

Assim, se tudo correr como o previsto, a cidade terá, dentro de três anos, mais um estabelecimento de ensino superior. Concebido por Siza Vieira — um dos grandes arquitectos portugueses e um dos dez mais importantes a nível mundial, segundo algumas revistas da especialidade — esta obra e outras que estão projectadas para serem erguidas na vasta zona envolvente da Rua do Campo Alegre alterarão radicalmente a fisionomia de um espaço onde, num passado não muito distante, foi local preferido de numerosas e geralmente abastadas famílias inglesas. Por lá, ainda se conservam casas e palácios de requintado bom gosto, construções que permanecem como marca indelével de um tempo e da sua melhor arquitectura.

Numa dessas residências, situada na Rua do Gólgota, dá-se hoje, aliás, formação a futuros arquitectos. Nos jardins da casa constituiu-se um pavilhão (baptizado com o nome do mestre Carlos Ramos) e, nas antigas cavalarias, montaram-se estrádouros sobre os quais duas centenas e mais de jovens estudantes passam ao papel os conhecimentos adquiridos.

Como fez questão de sublinhar o arquitecto Alves Costa, nosso ciclista nesta visita ao local onde nascerá a Faculdade de Arquitectura, «houve um extremo cuidado em apro-

veitar todos os espaços disponíveis, de molde a que os alunos pudessem usufruir de condições para a aprendizagem e exercício de arquitectura». Enquanto este velho sonho não se materializa e o novo conjunto de edifícios não toma forma, as aulas continuam repetidas pela ES-

BAP (onde funcionam o primeiro e segundo anos do curso) e, no Campo Alegre, também 250 alunos recebem conhecimentos respeitantes aos três últimos anos, bem como, assistem à realização de seminários de pré-profissionalização.

Várias acções em curso

Numa das salas recuperadas do secular edifício e em cujas paredes estão quadros com obras de grandes pintores e arquitectos, como Henrique Pousão, Marques da Silva e Rogério de Azevedo, Alexandre Alves Costa vai-

nos descrevendo as múltiplas acções quanto ao futuro de uma casa cuja aposta passa pela «dignificação da arquitectura e pelo rigor técnico e científico do ensino ministrado». E de projectos como os que se prendem com os trabalhos de acessoria e apoio às universidades do Porto e Aveiro; a recuperação do Teatro Viriato, em Viseu (onde funciona uma unidade pedagógica do curso) e do Convento de S. Francisco, em Viana do Castelo; a concepção dos edifícios destinados à Faculdade de Medicina Dentária bem como a elaboração de alguns estudos sobre aldeias da serra da Estrela.

No que concerne ao conjunto de edifícios gizados por Siza Vieira, alguns pormenores poderão ser, desde já, adelantados.

Numa zona de terrenos, ficarão quatro blocos ligados entre si por uma galeria (interior) situada ao nível do rés-do-chão, enquadrando-se no edifício já existente do século XVIII. Aqui se destinam as salas de aula e de apoio. Numa outra, ficarão a cantina, os serviços administrativos e directivos, um átrio, anfiteatro, gabinetes, museu, biblioteca e anfiteatro.

Em síntese, dir-se-á que existe uma «porta arquitectónica» constituída por dois conjuntos de obras que nos conduzem simultaneamente ao Pavilhão de Carlos Ramos e à casa reconstruída nos jardins da Quinta do Gólgota.

Tentando descorinar al-

guns dos pressupostos que estiveram subjacentes a esta proposta estética, Alves Costa adianta: «A ideia do Siza Vieira foi a de criar uma certa urbanidade, já que, estamos numa zona muito separada do centro da cidade e com uma lógica de periferia».

«O projecto corresponde inteiramente ao que se pretendia e patenteia as virtualidades de um arquitecto que não pára de nos surpreender», confessava-nos mais tarde Alves Costa.

Curiosamente, ou talvez não, Siza Vieira consegue, ao fim de muitos anos, no Porto, ser o responsável por uma obra com a sua assinatura.

Para vergonha de uma cidade (leia-se: dos seus responsáveis) que tem subfornizado e esquecido este edifício singular que um pouco por todo o mundo (Hala, Veneza, Salzburgo) vai granjeando o respeito e a admiração de muitos.

Conjunto de edifícios alterará paisagem

Para se chegar até aqui, isto é, para se erguerem novas instalações e a Faculdade de Arquitectura se inserir na Universidade do Porto, múltiplas barreiras houve que transpor e que eliminar alguns receios, entre os quais, a possível perda de autonomia pedagógica e científica. Como nos confessa Alexandre Alves Costa, «a entrada na Universidade foi muito di-

culta e anelada, já que, se pretende impor aos responsáveis da Escola uma orientação de cariz tecnocrático e a nomeação de pessoas desinteressadas profissionalmente do ensino da arquitectura».

Mais tarde — relata o nosso entrevistado — e com as mudanças operadas na Rectoria, o problema ficou resolvido graças à compreensão e empenho do Prof. Oliveira Ramos e da sua equipa, que cedo tentaram inverter a tendência de transformar esta escola numa espécie de departamento da Faculdade de Engenharia.

Hoje, porém, os ventos são outros e o modo de encarar a especificidade do ensino da arquitectura é diferente. O regime de instalação está praticamente terminado, a Faculdade já fez eleições para os seus órgãos de gestão e, em breve, entrará em regime de funcionamento normal.

Dentro de dois meses, será a grande arrancada para a construção dos vários edifícios. Dar-se-á, então, início a um projecto corportizado por alguns e que moldará, por certo, a paisagem (até aí, um oásis de bucolismo) numa gran-

de área dedicada à investigação e ao ensino. É que, para além deste conjunto de edifícios destinados à Faculdade de Arquitectura, erguer-se-ão, nos terrenos adjacentes, à Faculdade de Letras e de Ciências (que abrangem a área onde já se encontram instalados os serviços da CCRN e do Centro de Citologia) e os centros de Metalurgia e de Informática.

Um pouco ao lado, continuam as obras no Estádio Universitário (com a construção da célebre pista de «tartan»), tenta-se recuperar os jardins considerados como históricos das famílias Andersen e Burmester e ultimam-se as obras da casa que será, no futuro, centro de apoio e convívio dos professores da Universidade.

A norte e a sul dos acessos que conduzem à Ponte da Arrábida, a remoção de terras já começou, nos gabinetes discutem-se opções e fazem-se projectos conducentes aos preparativos de várias obras que marcarão, indubitavelmente, a face de uma zona que até há pouco tempo conservou traços de uma certa ruralidade.

Manuel Vitorino

Equipamento. Instalação
Univ. Porto